

LECCIONÁRIO COMENTADO

Regenerados pela Palavra de Deus

TEMPO COMUM
Semanas I-XVII

VOLUME I

Organização:
GIUSEPPE CASARIN



INTRODUÇÃO AO TEMPO COMUM

O período do ano litúrgico fora dos tempos característicos chamados «fortes» (Advento, Natal, Quaresma e Páscoa), que são destinados a celebrar um aspecto particular do mistério de Cristo, é chamado Tempo *per annum*, isto é, «durante o ano», ou «Tempo Comum». Não deve ser considerado um tempo «fraco», por oposição aos tempos «fortes» do Ano Litúrgico. Denomina-se Tempo Comum ou ordinário porque deriva de *ordo*, que indica uma estrutura fundamental. É sobre ela que se apoiam os «tempos fortes», que têm origem na necessidade de distribuir aquilo que estava concentrado, isto é, passar do mistério pascal considerado como um «todo» para a explicitação de cada um dos seus componentes, mesmo arriscando perder a visão global do mistério. Não se trata, por isso, de um Tempo «fraco»; pelo contrário, é um Tempo «fortíssimo».

O Tempo Comum é guiado pela celebração do domingo. Os domingos do Tempo Comum, precisamente porque «destinados não a celebrar um aspecto particular do mistério de Cristo, mas nos quais esse mistério é celebrado na sua globalidade» (*Ordenamento do ano litúrgico e do calendário*, 43), apresentam-se como o dia do Senhor em toda a sua plenitude pascal, verdadeira Páscoa semanal. São domingos em estado puro pela sua caracterização pascal.

Dia do Senhor e Páscoa semanal

O Concílio Vaticano II reconhece no domingo «o fundamento e o núcleo de todo o ano litúrgico». (SC 106) Este de facto não é mais do que a celebração do mistério pascal, objecto central da fé do cristão. Este mistério, para além da festa anual da Páscoa, é celebrado todas as semanas, domingo após domingo, de modo que toda a existência do cristão seja invadida pela presença salvífica do Senhor ressuscitado. Por isso, SC 106 pôde afirmar que «por tradição apostólica, que teve a sua origem no próprio dia da ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina “dia do Senhor” ou “domingo”». É por isso que os *dies dominicus* se revelam como a estrutura fundamental, o núcleo originário e originante do Ano Litúrgico.

O domingo é o «dia do Senhor» porque é memorial do Senhor, do Senhor enquanto *Kyrios*, ou seja, do Senhor Ressuscitado. É por isso que se celebra no «primeiro dia depois do sábado», o dia que segundo os testemunhos evangélicos é o dia da ressurreição de Jesus Cristo e das Suas aparições aos discípulos (cf. Jo 20,1.19): o «primeiro dia depois do sábado»; e de acordo com Jo 20,26, «oito dias depois.» O domingo é na Igreja o dia em que os crentes se reúnem para a celebração do sacramento do mistério pascal, ou seja, da Eucaristia. Que dia melhor para celebrar este mistério que não seja o «primeiro dia depois do sábado», o dia da Ressurreição? A Páscoa de Cristo (morte – ressurreição – parusia) encarna no mundo mediante o pão e o vinho da Eucaristia, encarna no tempo no dia de domingo. O domingo e a Eucaristia são os sacramentos daquela realidade única que é o mistério pascal de Cristo. Esse mistério que é proclamado no próprio coração da celebração da Eucaristia: «Anunciamos, Senhor,

a Vossa morte, proclamamos a Vossa ressurreição, esperando a vossa Vinda gloriosa.»

O dia da Igreja que celebra a liturgia

Precisamente porque a Igreja nasce da Páscoa, vive da Páscoa e está orientada para a Páscoa eterna no domingo sem ocaso, e também porque o domingo é o sacramento temporal da Páscoa, este é o dia de ir *in ecclesiam*, de reunir-se como Igreja. A Igreja não é convocada num dia qualquer, mas é «convocada no dia em que Cristo venceu a morte e nos tornou participantes da Sua vida imortal». Os cristãos reúnem-se no «dia do Senhor» (AP 1,10) para celebrar a «Ceia do Senhor» (1COR 11,12); sacramento da presença de Jesus Ressuscitado no meio dos Seus, para se tornar e ser sempre mais «corpo do Senhor», aquele corpo de Cristo que é a Igreja. É aqui que os cristãos se tornam Igreja em torno do seu Senhor: «a Igreja vive e realiza-se antes de mais quando se reúne em assembleia convocada por Jesus ressuscitado e reunida no seu Espírito.»¹

A missão de Cristo, que consiste em «reunir os filhos de Deus que andavam dispersos» (Jo 11,52), encontra a sua realização visível na assembleia eucarística dominical dos seus discípulos. Ele está presente no meio deles com a sua Palavra, com a dádiva do Espírito Santo («recebei o Espírito Santo»: Jo 20,22 e ACT 2,1-5), com o envio em missão («como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós»: Jo 20,21). Assim nos foi transmitida a práxis da Igreja dos Apóstolos: «no primeiro dia depois do sábado estávamos reunidos para a fracção do pão.» (ACT 20,7) Precisamente porque é o dia da Eucaristia, o domingo é o dia da escuta da Palavra na Eucaristia; de facto, a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística estão intimamente unidas entre si: «estão unidas tão estreitamente entre si que formam um só acto de culto.» (SC 56)

¹ CEI, Nota pastoral *O dia do Senhor*, 9.

O pão da Palavra e o pão da Eucaristia são partidos conjuntamente. O domingo é também o dia da alegria, pelo que na Igreja antiga era proibido neste dia jejuar e rezar de joelhos. Segundo a *Didascalia apostolorum* «quem se entristece no dia de domingo comete pecado».

O dia que está no centro do tempo

Comemorando o primeiro dia da nova criação que tem início com a ressurreição de Jesus, o domingo cristão liga-se ao sábado hebraico que comemorava também o primeiro dia da Criação. A ressurreição de Jesus aparece como o cumprimento da Criação. O domingo é o primeiro e o oitavo dia, ou seja, aquele que ultrapassa a medida dos dias que são citados na semana da Criação em Gn 1,1-2,4. É o dia que traz já para o nosso tempo a eternidade que virá depois do fim dos tempos, o que inaugura o mundo novo. Este aspecto do dia do Senhor está presente também na Eucaristia, que se celebra «enquanto esperamos a vinda gloriosa (de Cristo ressuscitado)». Realiza-se assim a tríplice dimensão temporal do carácter sacramental do domingo e da Eucaristia, que diz respeito a uma História da Salvação que se torna memorial da Ressurreição (passado), presença de Jesus Ressuscitado (presente), esperança na Sua vinda (futuro). Assim, o Prefácio do domingo do Tempo Comum X diz: «Hoje a vossa família, reunida para escutar a palavra da salvação e participar no pão da vida, celebra o memorial do Senhor ressuscitado, na esperança do domingo que não tem ocaso, quando toda a Humanidade entrar no vosso descanso.» (Cf. também os outros prefácios dos domingos)

Dia dado por Deus, dia para nos darmos aos irmãos

Podemos compreender agora que o domingo, antes de ser o dia do Senhor no sentido de um dia que nós Lhe dedicamos no louvor e no repouso, é o dia que o Senhor fez para nós: o dia no qual visita com a Sua presença salvífica o seu Povo, especialmente

com a dádiva do pão da sua Palavra e da sua Eucaristia. Deus não precisa do nosso culto, nós é que precisamos da Sua graça.

Este é o dia que o Senhor fez [...]. O domingo, antes de ser o dia que os cristãos dedicam ao Senhor, é o dia que Deus decidiu dedicar ao seu Povo, para o enriquecer de dons e de graças. A iniciativa é d'Ele: d'Ele é o dom e d'Ele é a convocação, e a Igreja é nisso envolvida e nisso participa.²

Dentro deste ponto de vista pode compreender-se também a lei do preceito. O domingo, «antes de ser questão de preceito, é uma questão de identidade. O cristão precisa do domingo. Pode-se fugir ao preceito, mas não à necessidade»³. Com a advertência, ainda, de que a obrigação dirigida a cada fiel não diz respeito simplesmente à sua relação com Deus, à sua santificação pessoal, mas é sobretudo a de fazer existir o sinal da assembleia, ou seja, de tornar visível a Igreja.

O domingo, tal como a Eucaristia que nele é celebrada, remete para a vida: o que foi celebrado deve ser levado para a vida como testemunho e como caridade. Cristo foi recordado e celebrado no Seu mistério pascal, ou seja, no dom que fez da Sua vida: «Isto é o meu corpo, ou seja, a minha vida, que será entregue por vós. Faizei isto em memória de Mim.» A memória que se deve fazer não é apenas a do rito, é também a da vida. «Faizei isto» quer dizer: fazei o que Eu fiz, fazei também vós da vossa vida uma dádiva. Este é o ensinamento do mistério pascal de Cristo, de que o domingo e a Eucaristia são memorial. «Quando a assembleia se dispersa e somos enviados para a vida, é toda a vida que deve tornar-se dom de si.»⁴ Por isso o domingo é o dia da caridade: o viver do cristão, de facto, é um «viver segundo o domingo» (Santo Inácio de Antioquia), ou seja, segundo o mistério pascal de Cristo, que no

² CEI, *Eucaristia, comunhão e comunidade*, 76.

³ CEI, *O dia do Senhor*, op. cit. 8.

⁴ CEI, *O dia do Senhor*, op. cit. 13.

sinal do pão partido doa a Sua vida para benefício dos homens. Então o domingo e a Eucaristia são o *culmen* da vida do crente, mas ao mesmo tempo são também a *fons*, a origem dela. Ambos enviam o fiel ao mundo: de segunda-feira até sábado é o tempo do testemunho, é o tempo de um dia-a-dia melhor, porque na celebração dominical o crente é inspirado e penetrado pela graça da memória do Senhor Ressuscitado. É o tempo de dar um sentido novo a tudo o que se vive.

A liturgia da Palavra nos domingos do Tempo Comum

Na organização dos textos, os domingos do Tempo Comum são caracterizados pela leitura semicontínua, sem uma temática preestabelecida da Palavra de Deus. Temáticas artificiais arriscariam obscurecer o carácter pascal do domingo que celebra a totalidade do mistério da Salvação, e não apenas um aspecto específico.

No *Leccionário* estão previstas três leituras: a primeira, do Antigo Testamento; a segunda, dum Apóstolo; a terceira, do Evangelho. Sucedem-se assim os testemunhos dum profeta, dum Apóstolo e do Senhor Jesus. Também a sinagoga hebraica tinha uma sucessão: Lei; profetas; homilia. O critério não é, como já se disse, o de uma catequese sistemática, mas é seguida uma ordem simbólica com um duplo sentido. Num sentido histórico colocam-se em evidência os três momentos fundamentais da História da Salvação: antes de Cristo (Antigo Testamento), Cristo (Evangelho) e tempo da Igreja (os outros livros do Novo Testamento). Os últimos livros do Novo Testamento são colocados antes do Evangelho para significar que, ainda hoje, para conhecer Cristo, é preciso passar pelos testemunhos dos Apóstolos. O segundo sentido é o da leitura em ordem crescente de importância: do Antigo Testamento, passa-se aos escritos apostólicos, para chegar ao Evangelho, ápice da Revelação.

Foram escolhidos os textos mais importantes da Escritura, dispondo-os segundo um ciclo trienal: A, B e C. No ordenamento das leituras seguiram-se os princípios da *lectio* semicontínua para o Evangelho e para a segunda leitura, e o da concordância temática para a primeira leitura, a qual entra em harmonia com o Evangelho. Resulta assim um andamento com dois temas: o do Evangelho (e da primeira leitura com o seu salmo responsorial), e o da segunda leitura. À luz da experiência pareceria preferível uma concordância também da segunda leitura com as outras duas, tendo o cuidado porém em não forçar o sentido dos textos. Assim «a Escritura lê-se com a Escritura»: este princípio é tradicional na liturgia e é pontualmente observado pelos padres e pelos grandes autores espirituais da História da Igreja. Mas ele já se encontra no Novo Testamento e inclusive nos escritos mais recentes do Antigo Testamento. Não é impossível, precisamente pelo carácter unitário e pela coerência interna da mensagem bíblica, perceber frequentemente ligações também com a segunda leitura.

No ciclo trienal são lidos os evangelhos sinópticos, respectivamente Mateus no ano A, Marcos no ano B e Lucas no ano C. No ano B (domingos XVII-XXI), a narração de Marcos da multiplicação dos pães é substituída pela leitura de Jo 6, que serve para fazer compreender aos fiéis o sentido da comunhão eucarística.

É de notar a ênfase ainda epifânica dos primeiros dois domingos do Tempo Comum, que permitem uma passagem gradual do Tempo de Natal para o Tempo Comum (o primeiro, que pertence ainda ao Tempo do Natal, é o Baptismo do Senhor).

Também o final do Tempo Comum permite uma passagem gradual para o Tempo do Advento. Nos últimos domingos, com efeito, lêem-se os textos escatológicos dos três evangelhos sinópticos que serão continuados no primeiro domingo do Advento. Interrompe esta continuidade a colocação da Solenidade de Cristo Rei no último domingo do Tempo Comum.

As solenidades e as festas no Tempo Comum

Dentro do Tempo Comum estão colocadas algumas solenidades do Senhor: Santíssima Trindade; Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo; Sagrado Coração de Jesus; Cristo Rei do Universo; e quatro solenidades da Virgem Maria e dos santos: Assunção da Virgem Santa Maria; Nascimento de São João Baptista; São Pedro e São Paulo; Todos os Santos. A elas devem acrescentar-se as festas do Senhor que, se ocorrerem num domingo, têm a primazia sobre os domingos do Tempo Comum. São elas: a Apresentação do Senhor; a Exaltação da Santa Cruz; a Dedicação da Basílica de Latrão.

Deve ainda realçar-se, como ponto negativo, que com as celebrações dessas solenidades e festas em dia de domingo, é interrompida a leitura continuada do Evangelho, para extrair dele um texto que serve para evidenciar o mistério (no melhor dos casos) ou o tema celebrado.

A propósito da celebração de solenidades e festas, que não pertencem aos grandes ciclos do Ano Litúrgico, deve ainda ter-se presente aquilo que é o objecto próprio da celebração litúrgica. A liturgia não celebra ideias, verdades dogmáticas, temas teológicos, devoções particulares, mas celebra acontecimentos salvíficos verificados na História. Recorda algo que aconteceu na História da Salvação, de modo que a salvação presente no acontecimento celebrado possa marcar a assembleia celebrante. Compreende-se assim que certas festas que apareceram na Idade Média, tempo em que não se tinha uma consciência do domingo enquanto dia do Senhor, correm o risco de não estar em uníssono com uma celebração litúrgica correcta, de serem vividas não como celebração de um acontecimento salvífico, mas antes de uma ideia, de uma verdade de fé ou de uma devoção.

Como exemplo típico pode citar-se a Festa do *Corpus Domini* que se desenvolveu no século XIII, a partir da devoção à Sagrada Eucaristia independentemente da celebração. Quer celebrar-se uma verdade: a presença do Senhor Jesus Cristo na Hóstia consa-

grada. No entanto, estamos bem longe daquilo que é celebrado na Quinta-Feira Santa, onde a atenção não é colocada numa verdade, mas naquilo que Jesus fez na Última Ceia. Ora, é preciso colocar a atenção não apenas na «presença real»; os textos do *Leccionário* podem ajudar muito neste ponto.

Sabendo que o Ano Litúrgico é antes de mais a celebração do mistério de Cristo, assinalado pelo domingo, no interior dele podem encontrar lugar também as festas dos santos, enquanto eles realizaram nas suas vidas o mistério pascal. São aqueles que sofreram com Cristo e com Ele são glorificados. Porém, é preciso recordar também que as festas dos santos não devem «prevalecer sobre as festas que recordam os mistérios da Salvação». (SC 111) Isto vale, de igual forma, para outras festas.

De entre os santos tem um lugar preeminente a Virgem Maria, Mãe de Jesus, como afirma SC 103: «Na celebração deste ciclo anual dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com especial amor a bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da Redenção.» Se a celebração litúrgica é celebração da obra salvífica de Cristo, Aquela que esteve indissoluvelmente unida a essa obra não poderá deixar de ser objecto da sua celebração.

MARIO CHESI

INTRODUÇÃO

I À VIII SEMANA DO TEMPO COMUM

Terminado o Tempo do Natal – período que a Igreja considera o mais sagrado de todos depois da comemoração anual do mistério da Páscoa – com a Festa do Baptismo do Senhor, o ritmo do Ano Litúrgico prossegue com a primeira parte do Tempo Comum, ou seja, os dias que decorrem entre o final do Tempo de Natal e o início do Tempo da Quaresma.

As primeiras oito semanas são caracterizadas por uma proposta deveras interessante da Palavra de Deus, que é contemplada na perspectiva de todo o percurso ferial que caracteriza as trinta e quatro semanas do Tempo Comum. E isto unido à palavra evangélica que a cada ano é proposta, segundo o mesmo ritmo temático. Conhecendo esta lógica, convém ter presente que:

- no que diz respeito aos evangelhos, todos os anos o *Leccionário* apresenta sucessivamente Marcos (semanas I-IX), Mateus (semanas X-XXI) e Lucas (semanas XXII-XXXIV), exceptuando os trechos típicos do nascimento, Paixão e morte do Senhor, que são proclamados nos devidos tempos;
- nos anos ímpares, a primeira leitura (que se deve considerar sempre unida ao salmo responsorial como primeira hermenêutica do anúncio), começa pela Carta aos Hebreus e percorre os vários livros do Antigo e do Novo Testamento, até chegar à mensagem apocalíptica dos Macabeus e de Daniel;
- nos anos pares, a leitura começa pelos Livros de Samuel até chegar, sempre através de um percurso do Antigo e do Novo Testamento, até ao Apocalipse.

Nesta panorâmica geral, as primeiras oito semanas podem ser consideradas como uma introdução ao grande panorama da História da Salvação.

De facto, nos *anos ímpares* proclama-se toda a Carta aos Hebreus, depois os onze capítulos do Génesis e parte do Livro de Ben Sirá (Eclesiástico). Com esse anúncio apresenta-se ao fiel uma nova leitura teológica da Salvação, tal como aparece na Carta aos Hebreus, proclamada nas suas partes principais durante quatro semanas. É esta a única ocasião para meditar e apresentar esse anúncio, a linha bíblico-teológica que o autor seguiu para dar a entender o sentido da História da Salvação centrada em Cristo. Enquanto verdadeira e própria «homilia», a Carta aos Hebreus oferece uma ocasião preciosa para nos fazer compreender, em síntese, dia após dia, a lógica da Salvação. E é nesta perspectiva que, na quinta e na sexta semana o *Leccionário* propõe os primeiros onze capítulos do Génesis, como que a recordar que o que foi escrito no princípio do Génesis encontra o seu sentido mais amplo na Carta aos Hebreus. Durante as duas semanas seguintes, as páginas de Ben Sirá constituem um convite a apropriarmo-nos da sabedoria que brota da experiência de fé do povo da Antiga Aliança.

Nos *anos pares* a leitura é caracterizada pelos dois livros de Samuel durante quatro semanas, juntamente com uma parte do Primeiro Livro dos Reis, o qual continua na semana seguinte. E enquanto a sexta e sétima semana contêm a Carta de Tiago, a oitava encerra parte da Primeira Carta de Pedro e a Carta de Judas. Temos portanto a proposta de vários livros. Se a História contida nos livros de Samuel e dos Reis apresenta as páginas mais características de uma caminhada em que se cruzam os mais variados acontecimentos, sempre narrados como «advertências»; as páginas do Novo Testamento permitem entrar em contacto, através das palavras de Tiago, Pedro e Judas, com os conselhos para a vida em Cristo (não esqueçamos que quer a Carta de Tiago, quer a Primeira Carta de Pedro são verdadeiras e autênticas homilias).

MANLIO SODI

IX À XVII SEMANA DO TEMPO COMUM

Como é sabido, o fio condutor da Palavra de Deus nos dias feriais do Tempo Comum é constituído pela perícope evangélica. Nas semanas apresentadas neste terceiro volume do *Leccionário* temos a conclusão do espaço reservado ao Evangelho de Marcos (IX semana) e a série de perícopes retiradas do Evangelho de Mateus (X-XVII semana).

A IX semana apresenta o capítulo 12 de Marcos, no qual Jesus, recusando dar uma resposta precisa acerca da origem da Sua autoridade, utiliza uma linguagem metafórica, narrando a parábola dos vinhateiros homicidas. Os grupos mais significativos apresentam-se depois a Jesus para Lhe dirigirem as suas perguntas: os fariseus e os herodianos interrogam-n'O acerca da licitude do tributo a César; os saduceus perguntam-Lhe acerca da ressurreição; os escribas querem explicações sobre o primeiro mandamento. Como conclusão do capítulo (e da semana), Jesus critica os escribas e louva a viúva pobre.

As semanas seguintes abrangem os capítulos 4-14 do Evangelho de Mateus. Dos cinco grandes discursos de Jesus, que o Evangelho de Mateus refere, são aqui apresentados três: o famoso Sermão da Montanha, tendo como ponto alto o texto das bem-aventuranças, com que abre a X semana; o discurso missionário e o discurso em parábolas. Entre os discursos surgem as secções narrativas: dez milagres feitos por Jesus e a contestação dirigida contra Ele. Esta parte do Tempo Comum, que vem logo após o Tempo Pascal e nos conduz ao pino do Verão, é por isso dedicada à meditação sobre Jesus Mestre, o novo Moisés superior ao antigo, colocando em evidência a parte mais profunda: o amor. Ele envia em missão e indica as características exigentes: é necessá-

rio perder a própria vida e renegar-se a si mesmo para O seguir; mas ao mesmo tempo revela a beleza do seguimento, o Mestre identifica-Se com o discípulo: «Quem vos recebe, a Mim recebe.» (10,40) Nas parábolas, finalmente, Ele revela o mistério do Reino de Deus.

O percurso delineado pelas primeiras leituras propostas quer para os *anos ímpares* quer para os *anos pares*, mostra-se muito mais fragmentado.

Os *anos ímpares* apresentam de facto uma semana dedicada ao Livro de Tobias (IX), duas semanas dedicadas à Segunda Carta aos Coríntios (X-XI), três semanas dedicadas à conclusão do Livro do Génesis (XII-XIV), cuja primeira parte tinha sido concluída na VI semana, duas semanas e meia dedicadas ao Livro do Êxodo (XV-XVII) e a parte final da XVII semana dedicada ao Livro do Levítico. É certamente mais homogêneo o período a partir da XII semana, que oferece textos escolhidos do Pentateuco (do Génesis ao Levítico): destes, segundo o prescrito pelos *Praenotanda* ao *Leccionário*, são lidas passagens escolhidas, julgadas mais aptas a evidenciar a característica própria de cada livro. Pelo contrário, a IX semana é dedicada à leitura do Livro de Tobias, obra narrativa com finalidade edificante, que pretende colocar em evidência a Providência divina, a qual não isenta da prova os que crêem, mas recompensa a sua fidelidade. Vêm depois duas semanas que oferecem uma leitura neotestamentária: a Segunda Carta aos Coríntios (X-XI). Nela, o Apóstolo Paulo pretende favorecer a paz na comunidade, perturbada por alguns adversários seus, que tinham denegrido o seu trabalho apostólico. Encontramos nela bem viva a personalidade de Paulo: a sua força, a riqueza da sua linguagem, o seu ensinamento sobre aspectos importantes da fé (a Redenção, o apostolado, a escatologia).

Igualmente fragmentados se apresentam os *anos pares*. Desta vez a leitura do Novo Testamento é colocada na IX semana, dividida entre a Primeira Carta de Pedro e a Segunda Carta a Ti-

móteo. As outras semanas trazem textos do Antigo Testamento. Precisamente três semanas dedicadas aos Livros dos Reis (X-XII, com um texto do Livro das Lamentações no último dia), cinco semanas dedicadas aos Livros Proféticos (XIII-XVII): Amós, Oseias, Isaías, Miqueias, Jeremias. A leitura dos Livros Históricos (a primeira parte do Livro dos Reis fora lida nas semanas IV-V) seguirá o critério de escolher as perícopes que podem oferecer uma espécie de compêndio da História da Salvação, antes da Encarnação do Senhor. Especialmente o Livro dos Reis, que abrange um período de quatro séculos, oferece a história da monarquia de Israel a partir da morte de David até ao exílio na Babilónia. O assunto central é sem dúvida a divisão dos dois reinos (Israel e Judá) e o respectivo desmoronamento. Mas mantém-se viva a esperança ligada a David e à sua descendência, esperança essa que encontrará resposta no Messias.

Como pudemos verificar, a mensagem do *Leccionário* não sugere que se procurem correspondências forçadas entre as leituras propostas no mesmo dia, exceptuando o salmo responsorial ligado à primeira leitura, de que constitui uma retomada orante. A meditação, a oração, como também a proposta homilética, deverão orientar-se de modo a descobrir a riqueza da Palavra de Deus, exposta nas páginas evangélicas e nos acontecimentos mais significativos da História da Salvação, na qual Deus «nos tempos antigos, falou muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais por meio dos profetas». (Hb 1,1)

ANGELO LAMERI

OBSERVAÇÕES GERAIS

- O nome divino JHWH (Javé) é escrito sem vogais, por respeito aos nossos «irmãos mais velhos», os hebreus, que nunca o pronunciam, obedecendo ao mandamento (cf. Ex 20,7).
- A transliteração das palavras hebraicas e gregas é muito simplificada, para que seja legível e mais fácil de pronunciar em português.
- Os salmos são citados conforme a numeração das edições litúrgicas da Bíblia.
- Os acrescentos litúrgicos ao texto bíblico são colocados entre parêntesis rectos.
- Recordam-se as seguintes siglas:

TM Remete para o texto hebraico vocalizado chamado texto massorético (500-900 d. C.).

LXX Remete para a versão grega chamada dos *Setenta* (250-100 a. C.).

OLM *Ordo lectionum Missae*: corresponde ao Leccionário que contém as leituras para a celebração eucarística.

EV Remete para o *Enchiridion Vaticanum* que contém os documentos oficiais da Santa Sé.

DV *Dei Verbum*, constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a divina Revelação (18 de Novembro de 1965).

GS *Gaudium et Spes*, constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo contemporâneo (7 de Dezembro de 1965).

SC *Sacrosanctum Concilium*, constituição do Concílio Vaticano II sobre a sagrada liturgia (4 de Dezembro de 1963).

TC Tempo Comum do ano litúrgico.

- Convém ter presentes os seguintes termos:

Colecta na celebração eucarística, é a oração que condensa a oração de todos («Oremos») e que é apresentada a Deus pelo sacerdote em nome da comunidade reunida, antes da proclamação das leituras;

Torá termo hebraico que se traduz por «doutrina, instrução, ensinamento». Em sentido estrito, é a Lei revelada a Moisés;

Hassidim «piedosos, fiéis [judeus]», enquanto «fiéis à Lei» exigiam a observância rigorosa dela, porque viam realizada nisso a aliança com Deus. Grupo religioso judaico surgido nos tempos de Antíoco IV Epifânio (século II a. C.);

Corão

ou *Qur'an* livro sagrado, inspirado da religião islâmica; é para eles palavra divina, objecto de recitação contínua durante a oração de cada muçulmano.

ABREVIATURAS DOS LIVROS BÍBLICOS

Génesis	GN	Amós	AM
Êxodo	EX	Abdias	AB
Levítico	LV	Jonas	JN
Números	NM	Miqueias	MQ
Deuteronomio	DT	Naum	NA
Josué	JS	Habacuc	HAB
Juízes	JZ	Sofonias	SF
Rute	RT	Ageu	AG
Samuel	1SM, 2SM	Zacarias	ZC
Reis	1RS, 2RS	Malaquias	ML
Crónicas	1CR, 2CR	Mateus	MT
Esdras	ESD	Marcos	MC
Neemias	NE	Lucas	LC
Tobias	TB	João	JO
Judite	JT	Actos dos Apóstolos	ACT
Ester	EST	Romanos	RM
Macabeus	1MC, 2MC	Coríntios	1COR, 2COR
Job	JOB	Gálatas	GL
Salmos	SL	Efésios	EF
Provérbios	PR	Filipenses	FL
Eclesiastes (Coélet)	ECL	Colossenses	CL
Cântico	CT	Tessalonicenses	1TS, 2TS
Sabedoria	SB	Timóteo	1TM, 2TM
Eclesiástico (Ben Sirá)	ECLO	Tito	TT
Isaías	IS	Filémon	FM
Jeremias	JR	Hebreus	HB
Lamentações	LM	Epístola de São Tiago	TG
Baruc	BR	Epístolas de São Pedro	1PD, 2PD
Ezequiel	EZ	Epístolas	
Daniel	DN	de São João	1JO, 2JO, 3JO
Oseias	OS	Epístola de São Judas	JD
Joel	JL	Apocalipse	AP

ÍNDICE GERAL

Introdução ao Tempo Comum (MARIO CHESI).....	5
Introdução	
I à VIII Semana do Tempo Comum (MANLIO SODI)	15
IX à XVII Semana do Tempo Comum . (ANGELO LAMERI)	17
Observações Gerais	20

TEMPO COMUM

I Semana do Tempo Comum.....	25
II Domingo do Tempo Comum	
Ano A (GASTONE BOSCOLO).....	59
Ano B (ROBERTO FILIPINI).....	64
Ano C (MICHELE MAZZEO)	70
II Semana do Tempo Comum	76
III Domingo do Tempo Comum	
Ano A	106
Ano B.....	112
Ano C	118
III Semana do Tempo Comum (GERMANA STROLLA)	124
IV Domingo do Tempo Comum	
Ano A	155
Ano B (ALBERTO VELA).....	161
Ano C	167
IV Semana do Tempo Comum.....	172

V Domingo do Tempo Comum	
Ano A	202
Ano B (GIANNI CAPPELLETTO).....	207
Ano C	212
V Semana do Tempo Comum (GIANNI CAPPELLETTO)	219
VI Domingo do Tempo Comum	
Ano A	251
Ano B.....	257
Ano C	263
VI Semana do Tempo Comum.....	269
VII Domingo do Tempo Comum	
Ano A	303
Ano B.....	308
Ano C	314
VII Semana do Tempo Comum (GIUSEPPE DE CARLO).....	321
VIII Domingo do Tempo Comum	
Ano A	353
Ano B.....	358
Ano C	364
VIII Semana do Tempo Comum.....	369
IX Domingo do Tempo Comum	
Ano A (GAETANO CASTELLO).....	402
Ano B (DINO DOZZI)	408
Ano C (PIER LUIGI FERRARI)	413
IX Semana do Tempo Comum (GIUSEPPE DE CARLO)	419

X Domingo do Tempo Comum	
Ano A	456
Ano B.....	462
Ano C	467
X Semana do Tempo Comum (GIUSEPPE DE CARLO e ANNA MARIA GIORGI).....	473
XI Domingo do Tempo Comum	
Ano A	509
Ano B.....	515
Ano C	520
XI Semana do Tempo Comum	527
XII Domingo do Tempo Comum	
Ano A	557
Ano B.....	563
Ano C	568
XII Semana do Tempo Comum (ANNA MARIA GEORGI)...	575
XIII Domingo do Tempo Comum	
Ano A	607
Ano B.....	613
Ano C	618
XIII Semana do Tempo Comum	625
XIV Domingo do Tempo Comum	
Ano A	656
Ano B.....	662
Ano C	667
XIV Semana do Tempo Comum	673
XV Domingo do Tempo Comum	
Ano A	705
Ano B.....	710
Ano C	715
XV Semana do Tempo Comum (GRAZIA PAPOLA).....	721

XVI Domingo do Tempo Comum	
Ano A	754
Ano B.....	760
Ano C	765
XVI Semana do Tempo Comum	771
 XVII Domingo do Tempo Comum	
Ano A (NAZZARENO MARCONI).....	803
Ano B (ALESSANDRO SACHI).....	808
Ano C (GUIDO BENZI)	814
XVII Semana do Tempo Comum (CATERINA OSTINELLI)...	819

SOLENIDADES E FESTAS

SANTÍSSIMA TRINDADE

Solenidade

Ano A (RINALDO FABRIS).....	857
Ano B (ROMEO CAVEDO).....	861
Ano C (GÉRARD ROSSÉ).....	866

SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO

Solenidade

Ano A (RINALDO FABRIS).....	872
Ano B (ROMEO CAVEDO).....	877
Ano C (GÉRARD ROSSÉ).....	882

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

(GIUSEPPE CROCETTI)

Solenidade

Ano A	887
Ano B	893
Ano C	899

APRESENTAÇÃO DO SENHOR

(GIUSEPPE CROCETTI)

Festa, 2 de Fevereiro 905

NASCIMENTO DE SÃO JOÃO BAPTISTA

(GIUSEPPE CROCETTI)

Solenidade, 24 de Junho

Missa da vigília..... 911

Missa do dia..... 916

SÃO PEDRO E SÃO PAULO, APÓSTOLOS

Solenidade, 29 de Junho

Missa da vigília..... 921

Missa do dia..... 926